



**EIXO TEMÁTICO:**

Compartilhamento da Informação e do Conhecimento

## **MEDIAÇÃO ORAL DA LITERATURA PARA BEBÊS**

### **ORAL MEDIATION OF LITERATURE FOR INFANTS**

Aline Cristina Chanan Costa<sup>1</sup>

Sueli Bortolin<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa propõe refletir a respeito da importância da leitura na vida do indivíduo e a necessidade da mesma ser desenvolvida de modo amplo envolvendo os conhecimentos linguísticos, visuais e auditivos. Destaca que a oralização da literatura contribui na formação do leitor desde a infância. Utiliza a pesquisa básica, sua tipologia é exploratória, tem abordagem qualitativa com delineamento bibliográfico e documental. Para tanto a pesquisa tem como objetivo geral: realizar uma revisão na literatura nas áreas da Informação e Comunicação, em língua portuguesa buscando subsídios sobre aspectos que envolvem a mediação da literatura para bebês. Foi possível apontar a existência de leis, programas e projetos que viabilizam os espaços para a promoção da leitura, no entanto, as iniciativas são poucas e é preciso ir além, para que de fato o acesso à leitura seja garantido a todos, pois não basta apenas criar projetos é necessário também, ter condições de mantê-los. Conclui-se que quanto mais significativas forem as relações entre mediador - leitor, existirá mais envolvimento e comprometimento em relação às mudanças que se apresentam. Vale frisar que não basta que as crianças tenham acesso aos livros, é preciso uma mediação lúdica, livre, sem regras, pois o diferencial está em possibilitar experiências repletas de criatividade, que potencializem o desejo e as formas de uso do livro. Nos berçários, por exemplo, os livros certamente são uma potente ferramenta que unem adultos e crianças na produção de uma nova cultura de uso do objeto livro.

**Palavras-chave:** Mediação oral da literatura. Leitor bebê.

**Abstract:** The present research purpose is to reflect about the importance of reading in the life of the individual and the need for it to be developed in a broad way involving the linguistic, visual and auditory knowledge. It emphasizes that the oralization of literature contributes to the formation of the reader from childhood. We use basic research, its typology is exploratory, it has a qualitative approach and it is characterized as bibliographical with a documentary design. For this, the research has as general objective: to carry out a literature review about Information and Communication, in Portuguese languages, seeking subsidies on aspects that involve the mediation of literature for babies. It was possible to point out the existence of laws, programs and projects that enable the spaces for the promotion of reading, however, there are few initiatives and it is necessary to go further, so that access to reading is guaranteed to all,

<sup>1</sup> Graduação em Biblioteconomia e mestranda no PPGCI UEL. costachanan@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Informação pela Unesp/Marília. bortolin@uel.br

since simply creating new projects is not enough. It is also necessary to have the conditions to maintain them. We conclude that the more significant the relationships between mediator-reader are, the more involvement and commitment there will be regarding the changes in how the current situations present themselves. It is worth to note that it is not enough that children have access to books, it takes a playful mediation, free, without rules, because the differential is in enabling experiences full of creativity, to strengthen the will and the ways to use the book. Nurseries, for example, the books are certainly a powerful tool between adults and children in the production of a new culture of using the book object.

**Keywords:** Oral mediation of literature. Baby reader.

## 1 INTRODUÇÃO

Em meados de 1970, Eduardo Prado Coelho (professor, escritor e ensaísta português) nos apresenta uma definição para o ato de ler: “Ler é um infinitivo pessoal como morrer ou amar: é entrar num espaço onde só a releitura é leitura” (COELHO, 1974, p. 117).

Um indivíduo aprende a ler a partir do seu contexto pessoal e muito antes da alfabetização propriamente dita, no entanto, a leitura só acontece, efetivamente no momento de interação social.

A leitura proporciona diferentes reações em cada indivíduo considerando suas experiências de vida e seu conhecimento cultural, possibilitando que o leitor obtenha conhecimentos diversificados. O bebê, por estar no período mais propício às infinitas aprendizagens, precisa receber interferências de mediadores mais experientes.

O ato de ler é entendido como uma das formas mais eficazes de crescimento emocional e cognitivo. Para que a leitura se estabeleça, é fundamental que exista uma sintonia entre o leitor e o texto, baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. O foco desse trabalho, que apresenta resultados de uma dissertação, é a Primeira Infância, ou seja, bebês de zero a três anos. Evidentemente que na fase inicial da vida, isto é, na Primeira Infância, os bebês ainda não têm autonomia. Nesse sentido, a mediação da leitura é essencial para a apropriação da linguagem, para a comunicação e a ampliação da imaginação.

A mediação trata-se de uma intervenção precoce da leitura, que em longo prazo, contribui com a cognição da criança, além de favorecer a relação afetiva mãe-bebê, familiares (pais, avós, cuidadores), bem como profissionais da saúde (psicólogos, terapeutas), bibliotecários, professores entre outros, revelando a importância da leitura em todas as idades. No caso dos bebês, é essencial que seja realizada uma mediação, pois o seu processo de formação leitora ocorre por meio de

outras pessoas, por exemplo, quando nomeiam objetos e demais elementos no seu cotidiano. Logo, consideramos enriquecedor o contato com textos diversificados, isto é, impressos, eletrônicos, imagéticos ou sonoros; enfim, todos que possibilitem ao indivíduo vivenciar diferentes experiências.

Estudiosos como Leontiev (1978), Vigotski (1995), Vieira (1978) ressaltam que é na Primeira Infância que acontece o mais importante desenvolvimento cerebral. E sendo possível a aplicação de recursos de leitura nessa fase, a criança certamente adotará um comportamento de leitura longo.

O ato de ler provoca no leitor o sentimento questionador, a imaginação e o conhecimento de um mundo novo. Por ter esse caráter, a leitura é transformadora, tanto no mundo objetivo quanto no mundo subjetivo, porque agrega valores de consciência social e política levando o leitor ao exercício da cidadania. Nesse sentido, justifica-se a escolha desse tema de pesquisa, principalmente por ser pouco abordado no meio acadêmico brasileiro.

Assim, ao se ampliarem as pesquisas direcionadas a esse público, pode-se estimular a criação de programas de leitura para bebês, espaços, como também, dar mais visibilidade às linguagens utilizadas por eles, à maneira de se expressar, interagir e criar sentido como sujeitos sociais produtores de cultura, antes mesmo de dominarem a comunicação verbal, portanto, é primordial conscientizar e sensibilizar os diferentes profissionais, pais e autoridades para a pertinência do tema.

Dessa forma, a questão desafiadora desta pesquisa é elucidar sobre a existência de projetos, programas e ações voltadas prioritariamente para crianças alfabetizadas ou escolarizadas e menor foco nos bebês, ou seja, o ponto de início para desenvolver trabalhos científicos ou projetos e programas de incentivo à leitura, seja de iniciativas privadas ou governamentais, tem como prioridade as crianças maiores e as ações voltadas para os bebês ficam a margem da sociedade.

Para tanto, o presente trabalho aborda o fomento à leitura, a mediação oral da literatura para os bebês e tem como objetivo geral - Investigar a *Mediação Oral da Literatura para Bebês*.

Acreditamos que a mediação, ao ser realizada de forma respeitosa, propicia a interação entre os adultos e o bebê, cabendo aos primeiros permitir que as crianças experimentem as diferentes linguagens culturais, sem valorizar uma em detrimento da outra.

Vale destacar ainda que, com o auxílio de um mediador, a apropriação do texto literário tende a ser potencializada. Isso porque o mediador explora o texto, analisa-o e o desconstrói visando à compreensão daquele que lê. Ele poderá trabalhar com a leitura de forma lúdica e oralmente com as crianças, proporcionando a elas o contínuo contato com o mundo externo, construindo conceitos, passando a ler por meio da narrativa oralizada, expressando suas histórias de forma verbal, comunicando-se assim de diferentes formas com as outras pessoas.

No entanto, acreditamos que o mediador da leitura deva ser primeiramente um leitor, que goste de ler e consiga fomentar o gosto pela leitura. Os pais ou responsáveis podem ser os primeiros mediadores como também outros familiares próximos, ou ainda, os bibliotecários e professores que atuam como agentes sociais.

A efetivação da mediação oral da literatura pode acontecer não só a partir de textos escritos que serão lidos, como também com o auxílio de variados textos dos livros de imagens ou as músicas, por exemplo, já que se trata de crianças não alfabetizadas, pois estão em fase de desenvolvimento da linguagem, que acontece progressivamente, desde o nascimento e de forma natural a partir do convívio com outras pessoas.

Além da mediação, os espaços disponíveis para a realização das leituras com os bebês é um fator que contribui com o uso de diferentes linguagens e o posterior gosto pela leitura. Entendemos que ter acesso a um ambiente aconchegante, tranquilo e alegre é muito importante para que a leitura seja posta em prática.

A Ciência da Informação (CI) é um campo interdisciplinar, que atua em conjunto com outras áreas do conhecimento, enriquecendo de uma forma geral as pesquisas científicas e por sua dimensão social e humana, teve e tem um importante papel a desempenhar no que se refere à mediação da leitura e da literatura. Ao buscar identificar a importância e realizar mediações em diferentes ambientes, acreditamos que os bibliotecários contribuem com a formação de leitores.

Nesse contexto, encontramos alguns estudos na área da CI que evidenciam a mediação oral da literatura e a mediação da literatura para crianças, ou ainda, pesquisas focadas em espaços para leitura

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nessa investigação, utilizamos a pesquisa básica que “[...] objetiva gerar

conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais [...]” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

Além disso, sua tipologia é exploratória. Esse gênero de pesquisa “[...] normalmente ocorre quando há pouco conhecimento sobre a temática a ser abordada. [...] busca-se conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro ou construir questões importantes [...]” (RAUPP; BEUREN, 2006, p. 80).

Para atender os objetivos desta pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa. Segundo Silva e Menezes (2005, p. 20), ela propicia “[...] uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.”, isto é, foca-se na análise interpretativa (palavras) ou imagens em vez da manipulação estatística de dados numéricos.

Abordando a pesquisa qualitativa, Goldenberg (2004, p. 14) afirma que “[...] a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.”, ou ainda, tentar compreender melhor o comportamento e experiências humanas, bem como o processo pelo qual as pessoas constroem significados. O pesquisador ao utilizar esta abordagem preocupa-se em desenvolver conceitos, estudar casos particulares ao invés de grandes populações. Ele prefere descrever os significados das ações para os atores mais que codificá-las.

Assim a opção pelo método qualitativo pretendeu investigar a preocupação quanto à convivência sistemática dos bebês com a obra literária e, conseqüentemente, à produção científica nas temáticas voltadas para a mediação da literatura para crianças de zero a três anos.

Acreditamos que a pesquisa bibliográfica é o método mais adequado para responder à questão da pesquisa, isto é, a existência das produções científicas e conseqüentemente de projetos, programas e ações voltadas prioritariamente para crianças alfabetizadas ou escolarizadas e menor foco nos bebês.

A pesquisa bibliográfica cumpre vários propósitos, pois partilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão diretamente relacionados àquele que está sendo realizado no momento, sinaliza as produções já existentes e, sobretudo, revela as lacunas teóricas dentro do tema pesquisado (CRESWELL, 2010).

Para Campolina e Mitjans Martines (2013), esse gênero de pesquisa, em geral,

é motivado pela necessidade de se obter uma visão organizada e atualizada das produções científicas de uma determinada área. “Entre as vantagens deste tipo de pesquisa [...] não exige contato direto com sujeitos da pesquisa.” (OLIVEIRA, 2017, p. 45).

Os critérios estabelecidos para a busca do material bibliográfico foram as palavras-chave em língua portuguesa: bebê, bebeteca e leitura-bebê nos artigos dos periódicos Qualis A1, A2, B1 e B2 da área Informação e Comunicação.

Os documentos que fundamentaram essa investigação foram páginas da web de Ministérios e Secretarias do governo brasileiro, além de: declarações, leis, sejam eles em suporte impresso ou digital. Documentos estes que subsidiaram a compreensão das leis, portarias, diretrizes legais voltadas aos cuidados e assistência às crianças de zero a três anos; apoiando-as no período mais propício à leitura de si e do mundo.

Gerhardt e Silveira (2009, p. 69) complementam ao dizer que a pesquisa documental é “[...] aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não-fraudados).”

Como resultado das buscas bibliográficas foram encontrados 14 produções científicas que serviram como subsídio para este trabalho, no que se refere a parte documental fora as leis e direitos, destacamos algumas iniciativas, tais como: as governamentais - total de 3 - (Literatura em Minha Casa, Pesquisa Retratos da Leitura, no Brasil e Bebelê/ Lê no Ninho), privadas ou pessoais – total de 2 – (Barca dos Livros, Bebelendo).

### **3 A PRIMEIRA INFÂNCIA E A MEDIAÇÃO ORAL DA LITERATURA**

A Primeira Infância é o período inicial da vida do ser humano. É a fase em que a criança se adapta socialmente, aprende e se desenvolve física e psicologicamente. Isso ocorre primeiramente na família e, posteriormente, serão as instituições (escolas, biblioteca, clubes) seus pontos de apoio nas descobertas e vivências psicossociais.

O nascimento de um bebê, de modo geral, é um momento muito esperado e de transformações no contexto familiar. Os pais são determinantes para o amadurecimento da criança, em especial, no aspecto emocional. No entanto, nem sempre foi assim, a ideia de infância foi uma transformação social e histórica que não existia antes do século XVI (ARIÉS, 1973).

Foi apenas entre os séculos XVII e XVIII, que a criança passa a ser vista como cidadão com características peculiares que as distinguem fundamentalmente de um adulto; concomitante a isso se estabelece as primeiras leis de amparo à infância, criam-se produtos específicos, instituições de ensino e, conseqüentemente, uma literatura voltada para ela.

Ariés (1973) pode ser considerado o precursor em expor a situação em que viviam as crianças na sociedade medieval, na qual não se fazia distinção entre o mundo delas e dos adultos. Segundo o autor, naquela época, as crianças eram vistas como adultos em miniatura e mesmo sem conseguir falar ou andar já eram introduzidas à realidade dos mais velhos em que participavam dos seus afazeres, isto é, logo que a criança alcançasse algum desembaraço físico, ela passava a participar da vida dos adultos. Assim, a criança acompanhava as pessoas de todas as idades, participava também de sua literatura. Ela aprendia o que deveria saber ajudando os adultos, foi somente entre os séculos XVII e XVIII que se iniciou a construção social da infância.

Para Muniz (2012, p. 52), é necessário compreender a infância, pois “o processo de crescimento de uma criança está muito além dos seus aspectos físicos ou intelectuais, o processo abarca, ainda, aspectos de amadurecimento afetivo e social”.

Visando compreender o período inicial da vida humana, apresentamos no quadro 1, tendo como base Dias, Correia e Marcelino (2013, p. 11-14), alguns aspectos do desenvolvimento físico-motor, cognitivo e psicossocial do bebê.

**Quadro 1 – Aspectos do desenvolvimento do bebê**

<b>Aspectos</b>	<b>Descrição</b>
Desenvolvimento físico-motor	Nos primeiros 5 meses de vida o bebê aprende: segurar o pescoço, sentar com algum suporte, rastejar, gatinhar, sentar sem suporte, andar. “Ao aprender a andar, a criança liberta as mãos para outras descobertas e aprendizagens.” (p.11)
Desenvolvimento cognitivo	O bebê os 4 meses já se concentra no que vê, ouve e toca. Aos 2 anos ordena e guarda objetos. Entre 10 a 14 meses ele pronuncia as primeiras palavras, constrói pré-frases (alguns termos, está na fase dos porquês) e, posteriormente frases. Aos 2 anos a criança “curte” sua linguagem (mesmo quando pronuncia incorretamente as palavras ou inventando algumas). É período de maior enriquecimento do vocabulário.

Desenvolvimento psicossocial	“Sabemos que a criança se desenvolve em vários contextos com características específicas, isto é, com regras, atitudes, valores e modos de estar e ser concretos.” (p. 13) Apesar de usar sorriso e choro desde 6 semanas para chamar atenção dos adultos. “[...] começa a tomar consciência que é alguém distinto da mãe e com vontade própria.” (p. 13) “Os dois anos são uma idade de conflito, pois a criança vive entre a necessidade de afeto e a necessidade de independência.” (p. 13). Ela inicia o processo de escolha entre afeto/desafeto, preferência/repugnância, constrói e desconstrói, assim por diante.
------------------------------	---

**Fonte:** Dias, Correia e Marcelino (2013, p. 11-14)

Apesar de acreditarmos que, simultaneamente, a oralidade, a escrita e as imagens “[...] convivem, mantendo suas importâncias específicas. Uma não desmerece a outra: complementa-a. [...]” (GREGÓRIO FILHO, 1999, p. 61), a opção dessa pesquisa foi pela oralidade.

Nas palavras de Proença (2010, p. 19) “[...] se uma criança for [...] habituada a ouvir histórias lidas ou contadas pelos pais; [...] se lhe derem tempo para se ‘encontrar consigo’ à frente de um livro, talvez, quando crescer seja um adulto com conhecimentos cognitivos mais consistentes.”

Contudo, é importante que se goste de ler e ouvir para que a leitura se torne um ato constante. O ouvir histórias, sentir motivação no ambiente (institucionalizados ou não) e entender seu “tempo”, permite ao leitor bebê interagir com textos diversificados sem que eles precisem ser impostos.

As narrativas orais de histórias são uma forma de comunicação com o bebê por utilizar uma linguagem que aproxima o leitor-ouvinte do contador de histórias. Inicialmente pelo fato de se sentar próximo dele, demonstrando acolhimento e igualdade. Para que, de um modo simples, possibilite que os bebês se envolvam no mundo literário fictício, de encantamento e fantasia.

Considerando a criança, as histórias oralizadas, isto é, as narrativas textuais, orais ou musicais podem gerar um conforto, motivar momentos bons e calorosos. As narrativas textuais têm uma estrutura que se inicia com uma apresentação, seguida do desenvolvimento e uma conclusão, podendo falar do nosso dia a dia, mas também dos textos literários infantis.

Refletindo a respeito das narrativas orais podemos distingui-las de duas maneiras: leitura em voz alta de um texto impresso ou a narração livre de um texto realizada por um leitor-narrador resgatado de sua memória. O leitor-narrador é entendido por Bortolin e Almeida Júnior (2010, p. 95) como “todo indivíduo que medeia

o encontro do leitor-ouvinte com diferentes textos (de origem escrita ou oral), utilizando o seu suporte vocal para ler ou narrar histórias”.

Segundo Silva (2014), “a história contada ou lida diretamente do livro estimula a fantasia infantil e essa é uma das maneiras de a criança elaborar o mundo a sua volta, principalmente, o mundo que está dentro dela mesma e que ainda não compreende na totalidade”.

No mesmo sentido, Colomer (2007) acredita que, ao oralizarmos histórias, beneficiamo-nos no sentido de entendermos mais e melhor os livros, pois a partir da visão do outro podemos construir maior sentido nas palavras e nesse momento inúmeras informações são transmitidas, seja ela concreta ou subjetiva.

É válido ressaltar que ao escutar histórias, inicialmente o ouvinte experimenta o sentimento de pertencimento em relação ao grupo, posteriormente o de apropriação do texto que se realiza por meio da audição e observação do olhar, voz e gestos do narrador. De acordo com Girardello (2007, p. 2), isto é possível porque durante a narração: “[...] a troca não ocorre apenas no plano da linguagem, mas também através do ar: pelo sopro compartilhado [...] pelo calor físico gerado pelos gestos de quem conta e de quem reage, pela vibração motriz involuntária [...]”.

Nas palavras de Postman (1999, p. 90), o gosto pela leitura “[...] deve ser adquirido no período em que se está ainda no processo de aquisição da linguagem oral [...]”, ou seja, “no período em que as crianças estão mais flexíveis, inquietas, curiosas e desejosas de aprender o novo; portanto, desprendidas de conceitos e preconceitos, interessando-se em explorar tudo que está ao seu redor”. (BORTOLIN, 2007, p. 1).

Essa ação permite a interação do contador com os pequenos despertando neles o sentimento de descoberta. Muitas vezes, inconscientemente, aliás, eles sempre desejam saber tudo o que acontece ao seu redor e ao que se refere à contação de histórias como, por exemplo, pronunciar as palavras de forma mágica, cantar, produzir o som de uma cavalgada ou de uma tempestade, fazer o personagem roncar, gargalhar etc., aguçando sua curiosidade e imaginação.

Contudo, Petit (2008, p. 145) afirma que para “[...] transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor.” Portanto, aproximar o leitor dos diferentes tipos de leitura e literatura, exige que o mediador acredite no discurso que transmite, isto é, ter convicção de que ler é bom.

Na atualidade, as mediações orais estão recebendo uma nova roupagem. Podemos afirmar, tendo como base Arantes (2014, p. 23), que estamos vivendo um novo “movimento de oralidade”, isto é, na web utilizamos a oralidade midiaticizada. Expressão criada por Arantes (2014, p. 25) para “[...] significar a voz que se revela, manifesta, externa por meio das tecnologias midiáticas. A oralidade midiaticizada transpassa o espaço e o tempo, pois é capaz, através das ferramentas tecnológicas, de ser eternizada.”

A mediação pode também ser realizada com a própria voz, pessoalmente como nas cantigas de roda, ou com o auxílio dos dispositivos de comunicação como o CD's, DVD's, ou ainda, por meio das plataformas de compartilhamento de vídeos disponíveis pela internet que aproximam o leitor-narrador do leitor-ouvinte.

Assim, defendemos o uso constante tanto das fontes impressas, quanto das digitais na hora da comunicação com os bebês, visto que as narrativas orais contribuem para o seu desenvolvimento. No entanto, na fase inicial da vida, isto é, de zero a três anos, a iniciativa deve ser tomada pelos adultos, para que no futuro, este leitor possa escolher o que quer ler, quando sentir vontade e no lugar que considerar mais agradável, fazer a leitura de diferentes gêneros, na velocidade que lhe for conveniente.

Neste sentido, o Documento - *Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica* sugere que à criança deve ser assegurado a: exploração dos objetos, os deslocamentos amplos no espaço; a imaginação e as manifestações simbólicas (na oralidade, nos gestos, no faz de conta, na imitação, nas representações gráficas); a ampliação de modos de comunicação e criação de significados; as possibilidades de expressão do interesse e da curiosidade; a expansão das experiências de cultura (BRASIL, 2009).

Além do documento citado, outros, indicando a existência de leis, programas e projetos que viabilizam os espaços para a promoção da leitura, também pôde ser localizado. Além disto, programas de incentivo à leitura como o Bebelendo e a Barca dos Livros que partem das iniciativas privadas, ou ainda, de órgãos governamentais como o Lê no Ninho, do mesmo modo, foram encontrados, no entanto, a dificuldade está em dar continuidade a eles, seja por falta de leis mais consistentes que atue em parceria com as instituições, ou pela ausência de incentivo financeiro, podendo ser este um obstáculo para se iniciar a prática da leitura com as crianças pequenas.

Nesse contexto a Primeira Infância é a fase mais “sensível” para incentivar o

interesse pela leitura, quando toda mensagem designada à criança tem necessariamente uma vocação formadora.

#### **4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

É consensual que a leitura seja indispensável à criança, apesar de quase sempre ser abordada apenas como um meio de decodificação textual e não como ponte na construção de significados e de entretenimento. A criança pequena, mesmo que não domine os códigos de escrita e leitura, é capaz de atuar como leitora, comportando-se inicialmente, como leitor-ouvinte.

Em se tratando de crianças de zero a três anos, os estudos sobre as leituras direcionados a elas, ainda são iniciais, evidenciando a necessidade de se ampliar este campo do conhecimento. Assim sendo, o período chamado de infância o qual foi descrito, é o resultado de relevante e constante transformação pela qual a sociedade passou e tem passado até os dias atuais. A criança é então considerada como indivíduo, reconhecida e valorizada, desse modo, portadora de cuidados específicos, seja físico, afetivo ou cognitivo. Assim como conceituar a infância, em especial as crianças de zero a três anos, um gênero relativamente novo, abordar sobre os projetos, espaços e ambientes de convívio com a leitura também se fez necessário, uma vez que são escassos apesar de fundamentais.

Os espaços e ambientes criados para cultivar o hábito da leitura de certo modo, começaram com as creches, onde as crianças pequenas eram deixadas durante o dia. Com a inovação desses locais, atividades de incentivo à leitura foram iniciadas. Depois as bibliotecas como espaços para leitura, no entanto, a maioria vinculada a uma instituição de ensino, ou seja, a leitura quase sempre estava associada a deveres escolares direcionados às crianças maiores ou que já tivessem iniciado a rotina escolar.

Só recentemente, podemos encontrar ambientes de leitura específicos para os bebês, como é o caso das bebetecas. A bebeteca é uma biblioteca destinada aos bebês e aos seus responsáveis, onde se é estimulado o interesse pela leitura, o vínculo afetivo e a brincadeira, envolvendo a criança no mundo lúdico, permitindo que no futuro ela se familiarize e se integre com o ambiente da biblioteca.

Além do interesse em conhecer as particularidades do universo infantil, como possibilidade de aprender mais sobre as crianças, em especial as bem pequenas e

sua individualidade, buscamos apresentar também o outro lado da leitura, a que encanta e diverte por meio da literatura. Nesse texto, conceituamos a literatura infantil, gênero que une o real, o imaginário e a criatividade, características pertencentes à infância, pois são fatores que interferem no momento da mediação da leitura.

Ao discutirmos sobre a oralidade e as possibilidades de mediação oral da literatura com os bebês (zero a três anos), por serem umas das primeiras formas de comunicação entre o homem, portanto também, entre o mediador e o bebê, notamos que na atualidade a oralidade se vale de recursos midiáticos além do presencial o que favorece a aproximação do leitor-ouvinte com o texto.

Defendemos as oralidades e as literaturas no plural, por acreditarmos na importância destes elementos em uma perspectiva múltipla. Em outras palavras, há diferentes oralidades (primária, secundária, mista, ancestral, mediatizada) e diversos formatos de propagação da literatura (escrita, oral, imagética).

Neste sentido, entendemos ser imprescindível que a criança se mantenha em contato com as brincadeiras, a música, com as histórias narradas, a literatura, por auxiliarem nas suas diversas relações afetivas nos primeiros anos de vida.

Sobre os projetos e espaços para a oralidade, apesar da preleção em prol da leitura, as ações a seu favor são quase sempre instáveis ou ainda, não se integram de fato a um projeto nacional de formação de leitores. Ao considerarmos o bebê como indivíduo ativo que se comunica de diversas maneiras, podendo ser rindo, chorando, seja na troca de olhares, ao ouvir uma música, gestos e narrativas. Assim, conceituar e descrever os espaços, bem como o tipo de literatura e livros destinados à realização da mediação da leitura para elas é primordial, como é o caso das bebetecas que acolhem a literatura infantil.

Os ambientes e espaços para mediação da literatura infantil no Brasil existem, no entanto, são poucos os lugares destinados a esta prática de leitura. Como descrevemos no decorrer do texto, a maioria das iniciativas é de instituições privadas ou pessoais sem políticas públicas que poderiam efetivá-las. Alguns projetos têm maior evidência e continuidade, como Bebelendo e a Barca dos Livros, outros ligados aos órgãos governamentais como o Lê no Ninho.

A relação mediador-leitor, no caso dos bebês, deve propiciar o contato com os mais variados tipos de textos, suportes e linguagens, e se tratando de bebês se faz necessário para que no futuro o leitor tenha uma visão ampla da leitura. Portanto, o mediador ao utilizar diversas maneiras para mediar a leitura deve englobar a

oralidade, o corpo, as imagens, as tecnologias entre outros aspectos já que a iniciativa deve ser inserida como interação entre as gerações.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Fernanda Mecking. **Uso da oralidade na mediatização dos websites de bibliotecas públicas**. Londrina, 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

BORTOLIN, Sueli. O mediador de leitura. **Literatura infanto-juvenil**. jun. 2007. Disponível em: [https://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=302](https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302). Acesso em: 8 maio 2018.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação oral literária: algumas palavras. *In*: VALENTIM, Marta (org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/j4gkh/pdf/valentim-9788579831171.pdf>. Acesso em: 7 maio 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para Educação Básica. **Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/subsidios\\_dcn.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/subsidios_dcn.pdf). Acesso em: 15 jan. 2018.

CAMPOLINA, Luciana de Oliveira, MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A pesquisa sobre inovação educativa no Brasil. *In*: BRUNO-FARIA, Maria de Fátima, VARGAS, Eduardo Raupp, MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina (orgs.). **Criatividade e inovação nas organizações: desafios para a competitividade**. São Paulo: Atlas, 2013.

COELHO, Eduardo Prado. Quando depois do sol não vem mais nada – posfácio. *In*: MOURÃO-FERREIRA, David. **Os Amantes e Outros Contos**. 5.ed. Lisboa: Presença, 1974. p. 117-118.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DIAS, Isabel Simões; CORREIA, Sonia; MARCELINO, Patrícia. Desenvolvimento na primeira infância: características valorizadas pelos futuros educadores de infância. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 3, p. 9-24, 2013. Disponível em: [www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/download/483/288](http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/download/483/288). Acesso em: 13 set. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. *In*: FRITZEN, Celso; CABRAL, Gladir da Silva (org.). **Imaginação e educação em debate**. Campinas SP: Papirus, 2007.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer uma pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. Disponível em: <http://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/A-Arte-de-Pesquisar-Mirian-Goldenberg.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GREGÓRIO FILHO, Francisco. Oralidade, afeto e cidadania. *In*: BARZOTTO, Valdir (org.). **Estado de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 60-63. (Coleção Leituras no Brasil).

LEONTIEV, Alexis. **Actividade, consciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ciencias Del Hombre, 1978.

MUNIZ, Iana. **A neurociência e as emoções do ato de aprender**: quem não sabe sorrir, dançar e brincar não deve ensinar. Itabuna: Via Litterarum, 2012.

OLIVEIRA, Andreza Alves de. **A memória do Departamento de Ciência da Informação da UEL**: uma análise dos eventos científicos. 2017. 183f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. São Paulo: Graphia Editorial, 1999.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: todos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2019.

PROENÇA, Julia Maria Gonçalves Lopes. **Mediação leitora e literatura infantil**: propostas para o contexto pedagógico no âmbito do 1º ciclo do Ensino Básico. 2010. 142f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais, Didáticos, Linguísticos e Literários) - Universidade da Beira Interior, Portugal, 2010. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1951/1/JULIA%20tese%20final.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2018.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. *In*: BEUREN, I. M. (org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 76-97.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estela Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: [http://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024\\_Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes1.pdf](http://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024_Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes1.pdf). Acesso em: 07 jun. 2018.

SILVA, Rovilson José da. Contar histórias na escola. **Leituras e leitores**. maio 2014. Disponível em: [https://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=836](https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=836). Acesso em: 10 maio 2018.

VIEIRA, Alice. **O prazer do texto**: perspectivas para o ensino de literatura. São Paulo: EPU, 1978.

VIGOTSKI, Lev Semiónovich. Problemas de la psicología infantil. *In*: **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1995. Tomo III.